

Alberto da Costa e Silva

Ficções da Memória

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

Alberto da Costa e Silva

Ficções da Memória

Olhares

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

Imprensa Nacional
é a marca editorial da **INCM**

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA, S. A.

Av. de António José de Almeida
1000-042 Lisboa
www.incm.pt
www.facebook.com/INCM.Livros
prelo.incm.pt
editorial.apoiocliente@incm.pt

© Alberto da Costa e Silva
e Imprensa Nacional-Casa da Moeda

TÍTULO

Ficções da Memória

AUTOR

Alberto da Costa e Silva

DESIGN

www.whitestudio.pt

REVISÃO E PAGINAÇÃO

Imprensa Nacional-Casa da Moeda

IMPRESSÃO E ACABAMENTOS

Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Composto em Jannon 10 Pro
Impresso em Ensocoat 1 face 275 g (capa)
e Coral Book Ivory 90 g (miolo)

1.ª EDIÇÃO

Fevereiro de 2019

ISBN 978-972-27-2665-8

DEPÓSITO LEGAL N.º 437597/18

EDIÇÃO N.º 1022376

ÍNDICE

PÁG. 9

Prefácio

/
PÁG. 29

I — Espelho do Príncipe

/
PÁG. 279

II — Invenção do Desenho

Prefácio

1. Com este volume é, enfim, colmatada uma lamentável lacuna da edição em Portugal no que respeita a autores da nossa língua não portugueses, no caso do Brasil. Assim, aqui se reúnem dois livros de memórias de Alberto da Costa e Silva: *Espelho do Príncipe*, de 1994, e *Invenção do Desenho*, de 2007. Lacuna lamentável por quatro ordens de razões:

Primeira, e mais importante, pela alta qualidade literária destas *Ficções da Memória*, como lhes chama o autor; segunda, pela sua relevante valia testemunhal, quer sobre as raízes, o percurso, a personalidade rara de Alberto da Costa e Silva (ACS), quer sobre o tempo e os lugares dos seus 30 primeiros anos de vida, que nestas páginas «respiram»; terceira, porque neste último aspeto avulta a sua estada em Portugal, seu primeiro posto no estrangeiro como diplomata, no início da década de 1960, em pleno salazarismo e eclosão da guerra colonial; quarta, por laços profundos ligarem ACS a Portugal e, em particular, a nossa cultura muito lhe dever.

Não se compreende, pois, que só quase 25 anos depois de *Espelho do Príncipe* (EP) e 12 após *Invenção do Desenho* (ID)

terem saído no Brasil sejam editados em Portugal. Sendo certo que, citando o conhecido ensaísta e poeta José Paulo Paes, com *EP* de imediato ACS «entrou no memorialismo brasileiro pela estrada real, a que leva de Joaquim Nabuco a Pedro Nava».

Valha-nos ao menos que, apesar do tempo decorrido, os dois livros não «perderam» absolutamente nada, nem em interesse de leitura, nem em atualidade. Porque mesmo dando também «testemunho» de um certo tempo, pela abordagem e pela referida alta qualidade são intemporais. E, ao dá-los a lume, a Imprensa Nacional está uma vez mais a cumprir muito bem a sua missão.

2. O Prémio Camões, maior galardão da língua portuguesa, que em 2014 distinguiu ACS, por decisão unânime do júri¹, para alguns terá constituído uma surpresa, dado não se tratar de um escritor «popular». Porém, limitou-se a fazer justiça ao autor de uma obra tão notável como diversificada — de poeta, historiador, ensaísta, memorialista, cronista. Tudo reunido na pessoa do consensualmente respeitado e admirado diplomata de um país em que essa atividade deu figuras destacadas às letras, de Ruy Barbosa, Joaquim Nabuco e Aluísio Azevedo até hoje. Basta citar, no século xx, Gilberto Amado, João Guimarães Rosa, João Cabral de Melo Neto, Vinicius de Moraes, Ribeiro Couto, José Guilherme Merquior, Francisco Alvim — ou, no ativo, entre outros, João Almino.

¹ O júri foi constituído por Afonso Romano de Sant'Ana e Antonio Carlos Secchim, do Brasil, Mía Couto e José Eduardo Agualusa, de África, Rita Marnoto e José Carlos de Vasconcelos, de Portugal.

O menino sentia o sol na pálpebra. Doía-lhe a cabeça. Era como se uma colher lhe escavasse a órbita espicaçada pela luz, para trazer, na concha, o olho. Tonto, sem poder fitar o muro do terraço, em cujo cinza se multiplicavam espinhos de cristal, voltou a testa para o céu e pressentiu-se à beira de um poço, a cair ao contrário. Pôs as mãos no rosto — e cheiravam mal. O trino do canário, o arrastar do sapato da ama ali sentada, a voz da vizinha a falar da janela e tudo o que soasse, ainda que um sussurro, espancava-lhe as orelhas, tropejava dentro dele. Sozinho na aflição e pequenino — tinha entre dois e três anos de idade —, foi para junto da moça, pôs a cabeça em seus joelhos e deixou-se chorar.

Não menos forte era este sol. Um outro sol. Do convés do navio, que, ancorado, balouçava, via aproximarem-se lanchas e jangadas. A pouca distância, um pontão de aço, entre gris e ferrugem, punha-se mar adentro, mas o vapor não tinha como a ele atracar-se, por causa — soube mais tarde — da violência das ondas. Aos homens que subiram a bordo, a mãe pediu que descessem primeiro o pai, muito calado, no seu terno bege e de gravata triste. Enquanto dois deles ajudavam a figura magra, outros punham ao colo o menino e suas irmãs e desciam pela escada, até as águas lhes banharem os pés. Do último ou penúltimo degrau, içaram o homem e as crianças ao escaler. O menino viu passageiros, de calças arregaçadas e sapatos na mão, a se sentarem nos bancos das jangadas, e malas, baús, trouxas, embrulhos, caixas, caixotes e engradados saírem perigosamente de uns braços para outros, da coberta do navio para o chão das barcaças. Se tripulantes e taifeiros trocavam gritos de aviso e ordem, o menino não os ouvia, atento à escura linha verde que, sem fechar de todo o círculo, separava o céu do mar. No fim da longa armação metálica, para onde a lancha o conduzia, avistou o branco da praia e das casas da cidade. Assobiava, alegre, dentro dele a ausência de enxaqueca.

A casa da avó cobria toda a esquina e tinha muitas janelas. Duas coisas davam-lhe o ar de vastidão: a cor de que a pintaram — um castanho escuro inclinado ao roxo — e a altura de seu porão habitável. Não era um sobrado, mas tinha o jeito de o ser, principalmente quando, aberta a porta da rua, o olhar subia a passo rápido a escada. De lado, o casarão estirava-se por mais que o dobro da frontaria, alongando-se no muro do quintal, com a cajazeira, os pés de murici e ciriguela, os mamoeiros e o cacarejar das galinhas.

O menino não se lembrava do percurso entre o navio e os dois grandes quartos onde agora vivia. A sofrer o calor, é certo, mas acompanhado de muita gente — hóspedes que eram mais do que hóspedes de sua avó: primas, primos, sobrinhos e sobrinhas dela e de cunhadas e cunhados, gente vinda do interior para estudar na capital ou que começava a ajustar-se aos empregos.

A avó pretendia ter um negócio de viúva, uma pensão, mas acabara a serviço da parentela extensíssima. Cada mês chegava de Sobral, de Granja, de Camocim, de Viçosa, de Massapê e de outros pontos da praia ou do sertão um novo candidato a seu canto de rede e ao café da manhã, almoço, lanche, janta e ceia, pagando nada ou menos do que o estranho que, para abrir a vaga, se despedia. De pequeno hotel sem requinte, o casarão transformou-se em pensionato de estudantes ligados por laços de família, tendo a avó que se debruçar sobre as doenças de cada um deles, de ouvir seus namoros, de cuidar das horas em que chegavam à noite e de tirar-lhes das mãos o copo, o baralho e o cigarro.

Agarrei-me ao banco da praça, para não cair. De repente, tudo — árvores, canteiros, prédios, casas, automóveis — banhou-se de amarelo, de um amarelo ardente e cintilante, que se foi sujando de ouro velho. Eu parecia respirar uma poeira grossa. E da narina entupida, um estoque atravessou-me, de baixo para cima, o olho, a pálpebra, a sobrancelha e a testa. Era raro que me chegasse assim a enxaqueca, e de modo tão feroz, sem o anúncio do halo luminoso a envolver as cousas, sem a breve antecipação da beleza ao arrasto da dor.

Senti que me desmanchava. Uma senhora de preto sustentou-me pelo braço e me fez sentar. Pediu-me o endereço e disse que me levaria até lá. Que não, respondi-lhe, que não se desse ao trabalho. Dentro de alguns minutos, estaria melhor e poderia seguir sozinho para casa. Mas ela não aceitou minhas palavras e, falando suavemente das dores de cabeça que também tinha, foi pondo sombra e aragem na agressão do amarelo, até o degrau de minha porta.

Ensopei os cabelos em água fria. E deitei-me, com uma toalha de banho dobrada sobre o travesseiro. Sem conseguir chegar de todo ao sono, pus-me, primeiro, inquieto, depois, aflito e, finalmente, desesperado, a repetir de modo cada vez mais rápido, na minha mente, o mesmo gesto que não se completava, que volvia ao princípio ainda a meio: eu tirava o livro da estante, porém, quando ia abri-lo, de novo o tirava da estante e, antes que o abrisse, lá estava a puxá-lo de novo, cheio de angústia e pavor, da prateleira. De súbito, a mão ficou parada a caminho do móvel, e eu me vi, nu, de cócoras, descalço, empoleirado na borda de uma pia, a arreganhar para o espelho os dentes cheios de cáries.

2

Com o fuzil a pender displicente da mão, o soldado atravessou a rua, para tomar um cafezinho no botequim da esquina. Depois, voltou para junto dos camaradas e do carro blindado. Eu insistira com minha mãe em que haveria aula e voltava — o colégio não abria as portas — pela praça semi-vazia. Algumas lojas estavam fechadas; outras funcionavam como se nada tivesse acontecido.

Na noite anterior, Vargas deixara de ser o Chefe da Nação. Os líderes militares, obtido o beneplácito dos quartéis, mandaram ocupar os acessos à cidade, os ministérios, as estações de rádio, os jornais, o porto e o aeroporto, e espalhar a tropa em pequenos grupos pelas praças e avenidas da capital.

Tudo se passara como água da torneira ao ralo, quase sem respingos na pia. Ninguém saiu à rua para o festejo ou o protesto. Se saiu, disso não houve notícias. Durante breve hora, temeu-se a revolta do que se tinha por guarda pretoriana do regime, a Polícia Especial. Os rapazes de boné vermelho e farda cáqui, com camisa de mangas curtas e gola aberta, não desceram, porém, do morro de Santo Antônio. Nem consta que o tenham tentado.

Esperava-se o golpe. O Estado Novo esgarçara-se com a vitória dos Aliados sobre o Eixo, e, ao manobrar para permanecer no poder com a Assembléia Constituinte, Vargas estivera, na verdade, a cortar na lâ, anacronicamente, uma sobrecasaca. O que dele se queria é que presidisse as eleições e empossasse o vitorioso. Fora disso, só a renúncia ou a deposição. E esta se dera quase em silêncio. Em voz baixa, pelo menos. Ou à socapa. Reduzira-se a uma visita de Góes Monteiro ao Catete, para comunicar a decisão dos generais.

No dia seguinte, houve quem tomasse o golpe com alegria, alívio, indignação, repulsa, desgosto, tristeza ou pena. Lembra-me a melancolia envergonhada de minha mãe, diante da humilhação infligida a quem se bajulara — e como! — durante tantos anos. Os mesmos quepes. Os mesmos galões. Os mesmos talabartes. As mesmas perneiras com esporas. E as mãos, as mesmas que batiam palmas. Ela ficava com a impressão de que a história abria a porta dos fundos para boa parte de sua vida. Em junho, Churchill perdera as eleições. Agora, escorraçava-se Getúlio.

Por mamãe, sabia da amizade do ditador pelo poeta, meu pai. Vargas, segundo ela, conservara dentro dele um rapazola que sofria por não escrever versos. E mal disfarçava esse

Alberto da Costa e Silva, poeta, ensaísta e diplomata, conta com singular mestria as suas memórias. O quotidiano da infância passada em Fortaleza, a família, as origens portuguesas, a presença silenciosa do pai, a paisagem humana e geográfica do Brasil, a ida para o Rio de Janeiro, as aventuras do colégio, as leituras, os escritores com quem se cruzou, a colaboração nas revistas literárias.

Mais do que recordações de uma vida centrada no narrador — mais distantes na primeira parte, *Espelho do Príncipe*, mais nítidas na segunda, *Invenção do Desenho — Ficções da Memória* — é um olhar sobre a história do Brasil vivida na primeira pessoa. O encontro com Getúlio Vargas, a Segunda Guerra Mundial, o Congresso Internacional de Escritores, o Itamaraty.

É também a história de Portugal durante um período de intensa atividade diplomática: a anexação de Goa, as vindas a Portugal de Juscelino Kubitschek e Jânio Quadros, as idas a África, o círculo de amizades. É a vida portuguesa, cultural e política, que desfila nas páginas de *Ficções da Memória*.

Uma vida contada como só os poetas o sabem fazer.

